

1923: UMA OPORTUNIDADE PERDIDA?

A lenda do "outubro alemão" e a verdadeira história de 1923

A. Thalheimer

Índice

Prefácio

I – A lenda de 1923

1. Porque as questões de 1923 têm que ser esclarecidas?
2. Em que consiste a linha esquerdista de outubro?
3. A origem da lenda esquerdista de outubro
4. O auge da lenda de outubro
5. O começo da revisão da lenda de outubro

II – As forças das classes em 1917 na Rússia comparadas com as da Alemanha em 1923

III – A Verdadeira história de 1923

1. O efeito da ocupação do Ruhr
2. As ações do Partido até a greve de Cuno
3. O especulativo plano de ação do Comintern
4. A reviravolta causada pela intervenção da burguesia
5. Os erros decisivos do Partido depois da greve de Cuno
6. A questão do recuo e a conferência de Chemnitz
7. Alguns dos ensinamentos mais importantes

IV – Anexo

PREFÁCIO

Em 1923 a situação estava perfeitamente madura para a vitória da revolução proletária, mas a direção de então do Partido Comunista Alemão (PCA), presidido por Brandler, impediu a vitória da revolução. Esta opinião à primeira vista parece tão fantástica, tão sem importância, que pode parecer estranho que ela ainda hoje seja levada em consideração. Mas tal opinião, chamada "lenda do outubro", é ainda hoje a opinião oficial do PCA. Ela está sendo gravada como dogma na memória dos jovens membros do Partido, os quais a aceitam de boa fé, sem ter a mínima idéia de que se trata de uma lenda inventada com a finalidade de explicar e apoiar uma tática errada do PCA. Uma lenda que tem impedido o Partido e, com isso, a classe operária alemã, de abandonar um caminho desastroso, impedindo também a influência da crítica da Oposição frente a essa linha errada, o que, em outras circunstâncias, seguramente teria.

Por isto, as questões de estratégia e tática do ano de 1923, infelizmente, ainda são muito atuais. São mais atuais do que nunca, especialmente hoje, quando a direção do PCA repete em maior escala os erros cuja base ideológica está na "lenda do outubro" de 1923.

A lenda do outubro tem agora oito anos. Neste ínterim tornou-se quase cômica, sendo um dos alicerces da linha esquerdista. A lenda ultra-esquerdista ajudou a nascer a linha ultra-esquerdista e agora se sustentam reciprocamente. Por isso, quem aceita a "lenda de outubro" também atinge o curso ultra-esquerdista, e quem atinge o curso, aceita a lenda. Da mesma forma que as duas nasceram juntas, assim também cairão juntas. Porém, por mais tempo que a lenda e a política ultra-esquerdista, baseada nela, ficam em pé, tanto maior o perigo de que o colapso do movimento operário revolucionário na Alemanha – somente uma lenda em 1923 – se torne uma amarga realidade.

O *Pravda* escreveu depois das eleições para o *Reichstag* de 14 de setembro de 1930, que nunca o PCA esteve tão próximo do poder como então. Não se pode imaginar uma ilusão mais grave do que esta. Objetivamente, as circunstâncias para uma vitória do comunismo na Alemanha eram excepcionalmente propícias nos últimos dois anos. Mas, subjetivamente, o PCA nunca esteve tão distante da possibilidade da vitória. Pois nunca tinha se afastado tanto, durante tanto tempo, de uma verdadeira política comunista e nunca sua liderança tinha sido tão insignificante, em todos os aspectos.

Em 1923 a vitória do comunismo foi inibida, em primeiro lugar, pelas concessões feitas em tempo pela burguesia e, somente em segundo lugar, por erros do partido e sua liderança. Mas o PCA, se não conseguiu a vitória, pelo menos conseguiu impedir a vitória do fascismo. Conseguiu isto graças a sua política no geral acertada até agosto de 1923, e graças à correção decidida e oportuna dos próprios erros, configurada na retirada de outubro.

Se agora a linha ultra-esquerdista do Partido prossegue – e a perspectiva de que isto não aconteça é pouquíssima - sendo que o Partido e também a Executiva da Internacional Comunista vêm no sucesso das eleições de 14 de setembro uma confirmação desse curso, então o caminho estará livre para a vitória do fascismo. E isso quer dizer, para a verdadeira derrota – pesada e de longa duração – do movimento operário e do Partido. Então será preciso invocar uma outra lenda provando que a Executiva sempre esteve com a razão, e será necessário encontrar novos culpados.

Nós, porém, achamos que a condição prévia para um partido e uma liderança que saibam como vencer, é a de afastar todo o amontoado de lendas e começar a aprender. Enquanto essa verdadeira aprendizagem tirada da própria história não começar, o Partido e com ele a classe operária só andarão em círculos em lugar de andar para a frente e, como

conseqüência, terão sempre derrotas mais e mais pesadas. A classe operária perdoou as doenças infantis do Partido em seu começo. Mas não perdoará o ficar preso à sua infância e aos seus males. E, ainda que o Partido não queira aprender, em compensação o adversário de classe aprenderá.

A liderança do PCA se refere hoje ao ano de 1923, para reafirmar seus deslizes grosseiros e perigosos na questão nacional. Faz isso sem razão. Em 1923 o Partido soube muito bem – apesar de alguns erros e exageros nessa questão – combater e destruir a ideologia nacionalista. Hoje vemos um fenômeno oposto: a distorção e a corrupção da ideologia comunista pela nacionalista. Vemos afinal que, após dez anos, as doenças infantis na questão dos sindicatos, compreensíveis dez anos atrás, e que foram superadas, hoje constituem a doutrina oficial do Partido, do *Comintern* e da “Internacional Sindical Vermelha”.

Num artigo sobre a batalha de Iena (*Jena*), Mehring cita Engels:

“Nenhum grande exército – como qualquer grande organização social – nunca está em tão boas condições como depois de uma grande derrota, quando se arrepende e faz penitências pelos pecados cometidos”.

O contrário também pode ser dito: a teimosa repetição e louvação dos pecados cometidos, apesar de crescentes fracassos e derrotas parciais, a cegueira teimando sempre no errado, isto leva a Iena.

Quem observa hoje com imparcialidade o estado de espírito do Partido que tem a tarefa de liderar a classe operária para a revolução, terá certeza de que ele não apresenta o aspecto do exército alemão depois de Iena.

As considerações seguintes são transcrições de uma das palestras sobre o Outubro de 1923, que fiz repetidamente nos últimos dois anos.

Numa palestra, naturalmente, só poderia oferecer um esboço. Espero logo ter a oportunidade de apresentar uma interpretação detalhada.

Berlin, 15 de fevereiro de 1931.

A. Thalheimer

I - A LENDA DE 1923

1. Porque as questões de 1923 têm que ser esclarecidas?

Porque é preciso ainda esclarecer a tática e a estratégia do partido daquele tempo? Em primeiro lugar, não é para justificar e defender a liderança de então do Partido. Isso não seria um objetivo importante. Não vale a pena se engajar numa longa discussão em torno disso. Não é uma questão de grande importância apurar as qualidades de liderança de Brandler, Talhaier e outros, os quais participaram da direção do Partido de então. O objetivo principal da discussão só pode ser extrair dos verdadeiros erros cometidos pelo Partido em 1923, as verdadeiras lições para a revolução proletária.

Repete-se muitas vezes que nós, a direção do Partido de então, não queremos admitir que em 1923 foram cometidos erros importantes. Isto absolutamente não é verdade. Tal opinião se formou somente porque uma série de avaliações, até detalhadas, endereçadas ao CC do Partido nos anos de 1923 a 1926 e até mais tarde, nem mesmo chegaram ao conhecimento dos membros do Partido, de modo que eles não possuem informações a respeito e devem pensar que não admitimos erro nenhum. Assim não é. Entretanto, trata-se de constatar de que espécie foram os erros e quais ensinamentos poderemos tirar deles. Esta é a importância da questão. Os acontecimentos de 1923 têm importância geral na medida em que as questões da tática e da estratégia de então não são problemas apenas daquele momento, mas sim que questões gerais de tática e estratégia da revolução proletária estão incluídas neles.

Segue-se disso que não se chegará a esclarecer as questões do movimento comunista na Alemanha antes de ter esclarecido tais questões, que não são somente questões do passado. A discussão levada até agora não as explicou, nem formalmente nem factualmente, o que é melhor ilustrado pelo fato de que, ultimamente na Alemanha, as lições que foram tiradas dos acontecimentos daquele ano, foram de fato as conclusões de Ruth Fisher e Maslow – e estas representam a linha ultra-esquerdista que quase conduziu o Partido à ruína.

A primeira carta aberta, endereçada ao Partido pela Executiva do Comintern em 1925, constatou os fracassos da linha ultra-esquerdista de Ruth Fisher e Maslow, mas evitou esclarecer e liquidar a lenda que tinha sido inventada sobre 1923. Declarava-se naquela oportunidade que não era a esquerda não tinha falido, mas sim alguns líderes dela. Conseguiu-se quebrar alguns líderes da linha e liquidar algumas dos piores aspectos da prática. Mas, depois disso, ocorreu uma nova recaída, exagerada, da linha ultra-esquerdista.

Esta segunda recaída, na qual nos encontramos ainda hoje, é a prova experimental de que não se pode encontrar um caminho seguro, claro e firme para o Partido, sem um esclarecimento a fundo dos acontecimentos de 1923, quer dizer, das questões do caminho da revolução proletária na Alemanha. A história não se deixa enganar. Não é possível evitar um ajuste de contas definitivo e claro, com a ajuda de pequenos truques e lendas. A conta tem que ser liquidada por completo.

2. Em que consiste a lenda esquerdista de outubro?

Perguntamos agora: em que consistiu a linha esquerdista de outubro, na qual se baseou o curso ultra-esquerdista depois de 1923? Ela ainda hoje serve para sustentar o curso ultra-

esquerdista e para dissuadir os membros do Partido em acreditar em nossos argumentos, lembrando sempre e sempre 1923.

O conteúdo desta lenda pode ser resumido em poucas palavras. O cerne é a afirmação de que o ano de 1923 na Alemanha corresponde ao ano de 1917 na URSS, quer dizer, a afirmação de que em 1923, na Alemanha, as condições objetivas para a revolução proletária eram tão maduras como em 1917 na URSS. Se na Rússia a revolução venceu, então foi graças à liderança do Partido pelo CC com Lênin à frente. Se na Alemanha, em 1923, a vitória não foi alcançada, foi porque naquela época não existia nenhum partido semelhante e nenhuma liderança semelhante, que a liderança teria cometido graves erros, que a situação revolucionária teria sido perdida dormindo, ou até que houve traição.

Assim soa a lenda esquerdista. Além disso, acrescenta-se que em 1923 a direção daquele período teria cometido traição, omissões e asneiras, e com isso impedido a revolução, a qual objetivamente estava madura. Isso porque a direção era oportunista, que a tática da direção em 1923 fora a consequência natural e necessária da linha oportunista que tinham demonstrado também nos anos anteriores.

Como pontos centrais dessa "linha oportunista" destacam-se:

Primeiro, a tática de frente única, como foi aplicada pelos líderes do Partido e pelo Partido. Essa tática foi declarada errada e oportunista. Isto, em parte, foi feito diretamente, rejeitando-se de forma absoluta a tática de frente única; mas, afirmava-se que a "frente única por baixo" – seja lá o que se entenda por isso – era permitida, enquanto que a "frente única por cima" era proibida, por ser oportunista.

Segundo, acrescentou-se que a direção do Partido daquele tempo imaginou que seria possível conquistar o poder numa coligação com a Social-democracia. A evidência disto eram as coalizões que haviam sido realizadas na Saxônia e na Turíngia.

O terceiro crime "oportunista", de acordo com a "lenda" foi a noção de que seria possível conquistar os sindicatos por dentro, pelas idéias comunistas. A palavra de ordem de conquistar os sindicatos foi considerada errada em toda parte, depois da derrota, na primavera de 1924. Chegou-se a tal ponto que em Moscou, numa conferência em janeiro de 1924, Maslow declarou que a palavra de ordem de conquista dos sindicatos tinha que ser abandonada e substituída pela "*destruição dos sindicatos*".

As consequências práticas, que Maslow e os outros ultra-esquerdistas tiraram desta avaliação da linha "oportunista" da direção anterior são as seguintes: Primeiro, a lição de que a tática da frente única deveria ser abandonada. Isto se deu sob o título "*Frente Única por baixo*". Sob a máscara da frente única de baixo para cima na verdade desistiu-se mesmo da frente única. Pois se entendeu por isso que não convinha mais se aproximar de organizações proletárias, de sindicatos ou de organizações de base dos social-democratas. De acordo com essa concepção, o esforço deveria ser voltado para mobilizar social-democratas, cristãos e outros trabalhadores a entrar diretamente em ações comuns com o Partido, sem considerar suas filiações organizacionais. Se isto é frente única, seria muito simples. Mas a situação especial nas tarefas do Partido Comunista na Alemanha e numa série de outros países em que existem duas direções no movimento operário, é que se torna necessário solucionar praticamente a questão: como desenvolver ações comuns do operariado apesar das contradições básicas? Como juntar os operários nas suas lutas parciais? Numa situação em que existe somente um movimento político do operariado, como antes da guerra, tal problema não existe de todo. Esse é um problema específico do pós-guerra, que não se pode afastar simplesmente, ignorando-o.

Além disso, tirou-se a conclusão de que somente palavras de ordem finais teriam que ser estabelecidas. Para o período depois de 1924 estabeleceu-se a palavra de ordem geral de "*organização da revolução*", o que também foi interpretado de maneira totalmente errada.

Estas conclusões ultra-esquerdistas tiradas do ano de 1923 tiveram o mais desastroso efeito no trabalho nos sindicatos. Já mencionei que Maslow em janeiro de 1924, numa conferência em Moscou, propôs a destruição dos sindicatos. É muito característico que um homem como Tomsy, que durante muitos anos foi dirigente dos sindicatos russos, no começo aceitou tal orientação. Isto mostrou que não tinha noção exata das condições de luta dos sindicatos do Ocidente. Essa formulação grosseira foi corrigida em seguida, mas nas formulações sobre o problema dos sindicatos ainda persistiram esconderijos permitindo, durante bastante tempo, uma linha ultra-esquerdista junto aos sindicatos, que visava a fundação de sindicatos novos. Um motivo foi fornecido pela palavra de ordem "*organização dos não organizados*". A consequência foi que a influência do Partido nos sindicatos, que teve o seu auge de 1923, declinou continuamente e quase foi destruída.

Outra consequência tirada de 1923 foi a de que a "*bolchevização*" teria começado somente no ano de 1924, com o aparecimento de Maslow e Ruth Fisher. Tudo o que o Partido teria feito, especialmente nos anos turbulentos da revolução 1918 / 1923 e durante a guerra seria, segundo a lenda esquerdista, mais ou menos oportunismo. Somente agora teria começado a verdadeira "bolchevização". Disso foi tirada outra consequência, a de que seria preciso afastar os velhos militantes do Partido, que o Partido deveria se apoiar principalmente nos grupos mais jovens que não haviam ainda tido a infelicidade de passar pela escola do "*Spartacusbund*". Essa "bolchevização" ocasionou um regime de força dentro do Partido, o esmagamento de qualquer discussão livre e do controle da direção pelos membros. Isso foi tido como "bolchevista" até que a carta aberta da Executiva da IC de 1925, pediu a "*normalização da vida partidária*", designando o regime partidário introduzido por Maslow e Ruth Fisher com a ajuda e tolerância da Executiva, como uma verdadeira caricatura do caráter e das necessidades de um Partido Comunista.

São estes os efeitos práticos da lenda esquerdista sobre os acontecimentos de 1923, sobre a política da direção do Partido de então e os pecados oportunistas conduzidos por esta política. Vendo-se estas consequências práticas, pode-se concluir que não é sólida a base teórica destas conclusões.

3. A origem da lenda esquerdista de outubro

Como se originou esta lenda esquerdista? Quero trazer ao debate uma documentação a respeito, alguns fatos que elucidam os métodos da Internacional Comunista. Tais fatos até hoje não chegaram ao conhecimento da maioria dos camaradas ou, em parte, foram esquecidos. Por isso precisam ser mencionados outra vez.

Primeiro quero mencionar o fato de que até dezembro de 1923 – mesmo depois da retirada de outubro de 1923 – Zimoviev, o então líder da IC, declarou repetidas vezes, oralmente e por escrito, que a tática seguida pelo PCA em 1923 era certa em princípio. Esta opinião foi ainda externada expressamente numa série de artigos do *Pravda*, publicados depois de outubro sob o título "*Problem der Deutschen Revolution*" (Problemas da Revolução Alemã), em língua alemã e distribuído na Alemanha. Quero aqui citar um trecho, onde Zimoviev diz o seguinte sobre a tática seguida pela direção do Partido alemão em 1923:

"Não existe a menor dúvida de que o Partido Comunista empregou a tática da Frente Única em geral com grade êxito. Pelo emprego certo desta tática o Partido Comunista conquistou a maioria dos operários alemães – um êxito que dificilmente poderia ser imaginado dois ou três anos antes" (pg. 68).

Mediante a tática da Frente Única não foi conseguido, durante o ano de 1923, a conquista da maioria dos operários alemães para a luta pelo poder. Mas uma coisa é certa: sem os êxitos alcançados pela tática da Frente Única, a questão da conquista do poder nem poderia ser levantada em 1923. Ninguém poderia ter arriscado isso, se tivéssemos nos sindicatos e nas associações dos metalúrgicos e outras somente a influência que o Partido tinha nos

sindicatos no tempo de Ruth Fisher ou que tem hoje. Somente devido aos enormes êxitos alcançados por essa tática, a questão podia ser posta mesmo.

Alem disso, quero trazer uma segunda testemunha que afirmou – também ainda depois de outubro – que a tática e a estratégia seguida pelo partido de então era inteiramente certa. Essa testemunha é Hermann Remmele. O trecho que citarei a seguir foi tirado da intervenção feita por Remmele numa reunião dos camaradas alemães com o Comitê Executivo (da CI) em 11 de janeiro de 1924:

"Quero ressaltar que no tempo do movimento fascista não somente em Stuttgart, mas também na Alemanha do centro, do norte, oeste e leste do país, em toda a parte surgiram demonstrações, apesar das proibições. Tivemos então na Alemanha Central, na Turingia, nos dias de julho e agosto, uma situação em que os operários se encarregaram inteiramente do abastecimento, requisitaram caminhões, foram ao interior para buscar víveres diretamente dos lavradores, de modo que ninguém tinha mais dúvida que grandes acontecimentos estavam por vir. Sem dúvida a greve de Cuno foi o auge do movimento, mas é minha convicção que foi também o ponto de virada do movimento. Com a entrada do Partido Social-democrata na coalisão, os operários social-democratas encheram-se outra vez de ilusões".

"Em meados de agosto aconteceu, de outra maneira, uma diminuição da maré revolucionária, pela participação dos social-democratas no governo."

"Quando nós discutíamos com os social-democratas, descobrimos que eles alimentavam grandes esperanças na entrada de Hilferding no governo. Social-democratas que estavam ao nosso lado, espontaneamente, em todas as lutas, que tinham participado da greve de Cuno, todas estas massas prestavam-se a novas ilusões..."

"A resolução de que nossos camaradas da Saxônia deviam estar no governo, foi tomada, é verdade, à base de relatos e descrições sem fundamento. Essa resolução foi tomada segundo a opinião de que o armamento e mobilização do Partido e das massas haviam chagado a tal ponto que se podia arriscar tal coisa. Presumia-se que o desmoronamento do adversário estava muito mais adiantado do que estava na verdade... Está certo que no estado em que nos encontrávamos poderíamos nos preparar para uma luta decisiva e fixar os termos da batalha final? Respondemos pela negativa: Considerando a estrutura especial da Alemanha e as relações e forças de classes específicas da Alemanha, constatamos que ainda não nos encontrávamos num estado de poder determinar o momento de uma luta decisiva. Dizíamos: antes de chegarem essas lutas, teremos que passar por um período de violentas lutas armadas parciais..."

Este trecho encontra-se na brochura "Os Ensinamentos dos Acontecimentos Alemães", pg. 40/44. Isso foi dito por Hermann Remmele em janeiro de 1924, face às experiências de 1923.

Uma mudança na apreciação total da tática do partido alemão pela Executiva só se deu em dezembro de 1923 – como se pode provar por documentos. Só mais tarde tivemos a possibilidade de constatar a data exata e as causas dessa virada.

Como se deu esta mudança? Como foi possível que Zimoviev e a Executiva, que até então, em princípio, tinham aprovado as táticas, fizessem uma reviravolta de 180º? A situação era a seguinte: em 13 de dezembro, se não estou errado, o camarada Radeck fez um discurso num grande evento do partido russo, onde se referiu ao debate sobre Trotsky, declarando: se a maioria do Comitê Central russo se colocar contra Trotsky então não somente ele, mas também a direção dos partidos alemão e francês, quer dizer, dos principais partidos do Oeste, se colocarão contra a maioria do Comitê Central do partido russo. Isto foi em 13 de dezembro.

Alguns dias mais tarde Zimoviev mandou uma carta para a então direção do partido alemão, onde ele mudou completamente a linha, fazendo um ataque violentíssimo contra o partido alemão, com o que começou a perseguição geral contra a direção de então. A verdadeira causa da virada foi um pânico que se estabeleceu entre os dirigentes do partido russo, especialmente Zimoviev, pois acreditaram literalmente na afirmação de Radeck segundo a qual a direção do partido alemão alinharia com Trotsky e contra a maioria da direção do partido russo. Essa foi a causa da virada. Com qualquer acontecimento na Alemanha ou na França ou mesmo no Comintern essa história não teve nada a ver. Foi simplesmente a conseqüência de uma manobra na luta de facções internas da Rússia. Desse discurso de Radeck, soubemos somente muito mais tarde. A campanha, o fogo cerrado, estava em pleno andamento, Maslow e companhia haviam sido soltos, quando nós soubemos em Moscou – no período do V Congresso – da verdadeira causa da virada. O fato singular é que essa afirmação de Radeck era invenção. Ninguém o tinha autorizado a dizer que nós lutaríamos ao lado de Trotsky caso ele fosse atacado. Quando tivemos notícias das discussões com Trotsky, falamos: antes de julgar precisamos primeiro conhecer os fatos que causaram a briga. Logo que se soube alguma coisa a respeito, escrevi um artigo no "*Internacional*" voltando-me contra as opiniões de Trotsky. Assim, não foi a nossa verdadeira posição na luta de frações interna da Rússia que provocou a virada, mas somente a ficção de tal posição.

4. O auge da lenda de outubro

Foi a desleal carta de Zimoviev, acima mencionada, que iniciou a virada após do discurso de Radeck. Além disso, é característico que nos debates em Moscou, Clara Zetkin e Wilhelm Pieck, ambos, perguntaram qual a posição a respeito da retirada em outubro de 1923, se isso tinha sido certo ou não. Anteriormente, a Executiva sempre havia declarado que fora certo. Agora Zimoviev começou a furtar-se. Ele recusou, apesar de repetidas interpelações, de se fixar por escrito a respeito. Naturalmente, a conseqüência disso foi que se abriu um caminho para as lendas ultra-esquerdistas. Agora Maslow podia sustentar, sem entrar em conflito com as resoluções oficiais, que a retirada fora errada, que era traição, que levou a revolução à perdição. Aliás, essa conclusão foi tirada de maneira a mais grosseira e absurda por Maslow e Ruth Fischer.

Uma resolução de 6 de março de 1924, proposta na presença de Ruth Fischer no Congresso Distrital do Partido, em *Rhineland Westphalia*, expressa:

"A Conferência declara que em outubro do ano passado a luta decisiva revolucionária era historicamente necessária. Não era admissível se esquivar da luta nem a substituição da luta final pelos assim chamados combates de retirada, ações parciais ou semelhantes".

Lendo tais coisas com sangue frio, é de se admirar como a maioria do Partido, como uma Executiva, pôde aceitar tais absurdos. Diz-se aqui: a luta, a luta final não estava de maneira alguma preparada e, apesar disso, a decisão tinha que ser encontrada em outubro. Tal afirmação é realmente contraditória, mas foi aceita sem nada mais.

Esse foi o auge da lenda de outubro na Alemanha. Na Rússia, o auge se deu numa série de discursos de Trotsky. Um desses discursos, por ex., ele fez em Tiflis. A intenção não era a de atingir a maioria da direção do partido alemão de então, mas ele quis provar o seguinte: em 1923 a revolução na Alemanha não foi vitoriosa, porque o Comintern não era dirigido por Lênin, mas pelo oportunista Zimoviev. Ele quis, assim, acertar Zimoviev, então o seu adversário mais violento que estava conduzindo a luta interna juntamente com Komenev e Stalin. Nessa luta, Trotsky publicou mais tarde uma brochura, "*As lições de Outubro*", explicando detalhadamente suas opiniões, primeiro sobre o outubro em 1917 na Rússia e depois também sobre o outubro de 1923 na Alemanha. E aqui se pode encontrar

a lenda de outubro na sua forma mais radical e, se quiser, clássica. As sentenças que importam são:

"ponto 2, Alemanha. Mais interessante ainda é a questão do revês do proletariado alemão em outubro do ano passado. Lá se viu na segunda metade do ano passado uma demonstração clássica do fato de que uma situação revolucionária extremamente favorável, de importância histórica mundial, pode ser perdida".

Esta, portanto, foi a lição: uma situação revolucionária extremamente favorável tinha sido perdida pela liderança e, para Trotsky, isto se refere em primeiro lugar a liderança do Comintern.

5. O começo da revisão da lenda de outubro

Mas, nesse ponto, começa então uma virada na opinião e nas afirmações das instancias oficiais, tanto na Rússia como na Alemanha. Porque agora se tratava de provar, em relação a Trotsky, que tanto suas opiniões a respeito de outubro de 1917 na Rússia como sobre outubro de 1923 na Alemanha, tal como por ele apresentadas, eram erradas. Só então é que começaram a se interessar pela questão de quais eram as condições objetivas na Alemanha de 1923; se realmente era certa a afirmação espalhada por Maslow, tolerada por Zimoviev e aguçada por Trotsky, de que, em 1923, objetivamente, a Alemanha tinha todas as condições para uma revolução, da mesma maneira como tinha a Rússia em outubro de 1917. E assim começou, agora do lado oficial, a revisão dessa opinião, a revisão da lenda do outubro esquerdista.

Quero mencionar agora alguns textos muito característicos, embora não para todos. Primeiro, quero citar algumas considerações do camarada Bukarin, tiradas dum artigo publicado no *Pravda* sobre "As lições de Outubro":

"De acordo com a concepção do camarada Trotsky, o erro consistiu na perda da oportunidade. Teria sido necessário entrar na luta decisiva a qualquer preço e a vitória teria sido nossa. O camarada Trotsky faz uma análise e comparação completa com o outubro na Rússia. Aqui como lá havia regras. Lá decidiram-se pela ação – segundo a pressão de Lênin – e venceram. Sem a pressão de Lênin – não houve decisão e o momento foi perdido. Agora porem, sob influencia da revolução russa de outubro, declara-se que as forças não eram suficientes para uma luta decisiva. Isto, de acordo com o camarada Trotsky, é o esquema dos acontecimentos alemães".

"Mas também aqui, pela avaliação de 1924, tivemos o reino do esquerdismo e o reino mais triste de cinzenta abstração. O camarada Trotsky descreve como teria sido escrita a história, se no CC russo os opositores da insurreição tivessem sido a maioria. Falar-se-ia então que as forças eram poucas, que o inimigo era terrível, etc".

"Tudo isso convence somente superficialmente; provavelmente a história seria escrita dessa maneira, mas isso não prova de maneira nenhuma, que as forças da revolução alemã em outubro de 1923 foram mal avaliadas. É especialmente errado afirmar que o momento era clássico. Pois a Social-democracia mostrou-se muito mais forte do que nós pensávamos. Uma analogia com o outubro russo é pouco adequada. Na Alemanha não havia soldados armados a favor da revolução. Não podíamos lançar como reivindicação a bandeira da paz. Não existia um movimento dos camponeses. Não existia um partido tal como o nosso. E alem disso mostrou-se que a Social-democracia ainda não estava superada. Estes fatos concretos então tinham de ser refutados. No período dos acontecimentos decisivos o Comitê Executivo da IC se declarou a favor da linha de outubro (sublinhado por Bucharin). Agora que esta sofreu um revês graças às circunstâncias objetivas e que o insucesso graças à linha direitista era maior do que necessário, o camarada Trotsky, que apóia precisamente a ala direita oportunista que

tenderam à capitulação e o qual combate repetidamente os "esquerdistas", dá à sua concepção uma base teórica "profunda", desferindo golpes nos círculos dirigentes da IC"

"Porem é totalmente inadmissível manter alguns dos erros que o camarada Trotsky mantém ainda hoje. Entre as lições (as verdadeiras lições) do outubro alemão está aquela de que antes da ação é preciso por em movimento as massas. Esta tarefa, porem, ficou muito para trás. Em Hamburgo, por exemplo, durante a insurreição, não existiam Conselhos e nossa organização partidária não era capaz de engajar as dezenas de milhares de grevistas na luta. Na Alemanha toda faltavam os Sovietes. Na opinião do camarada Trotsky era certo que os Sovietes foram substituídos por Conselhos de Empresas. Na realidade esses Conselhos não eram uma compensação, sendo que não representavam a massa toda, incluindo a mais atrasada e mais indiferente, como fizeram os Sovietes em momentos críticos e tensos da luta de classes."

Assim escreveu Bukarin contra Trotsky em 1925 e, bem entendido, era o Bukarin que naquele tempo conduziu a luta contra Trotsky com a maioria do Politburo, com a maioria do CC do partido russo.

Nesse debate sobre a revisão da lenda de outubro, também entreviu Kuusinen, o secretário do Comintern de hoje. Também entreviu Krupskaya, a esposa do camarada Lênin e, finalmente, participou também Stalin.

Kuusinen, num artigo contra Trotsky, disse:

"Precisa-se acrescentar que momentos como a existência ou não existência de um exercito de milhões ao lado da revolução foram negligenciados não somente por Trotsky, mas também por Maslow e outros camaradas".

Krupskaya disse contra Trotsky:

"O camarada Trotsky quer que se estude o outubro. Ele quer porem estudar o papel dos indivíduos e das correntes no Comitê Central. Mas não é isso que se deve estudar, e sim a situação internacional nos dias de outubro, como era a relação das forças de classe de então. Essa questão Trotsky não reparou. Por isso ele subestima o papel dos camponeses. Também, precisa ser estudado a situação do partido em outubro. Trotsky escreveu muito sobre o partido, porem troca o partido pelos dirigentes. A direção do partido, separada do partido quanto à organização, não havia conseguido vencer".

"O camarada Trotsky não entende o papel do partido no seu todo e tampouco o papel da unidade do partido. Para ele o partido significa o conjunto da direção (liderança). Também agora o camarada Trotsky é de opinião que a bolchevização consiste na escolha dum conjunto de dirigentes adequados. Tal ponto de vista puramente administrativo é errado. Mais certo seria a avaliação do papel e da importância das massas, como os bolcheviques fizeram em outubro. Trotsky esquece este lado da questão".

"Na avaliação dos acontecimentos alemães o camarada Trotsky negligenciou a passividade das massas".

A camarada Krupskaya ressalta também as circunstâncias objetivas, a situação das forças da classe em outubro de 1923 e diz que é decisivo se investigar e esclarecer estas forças e não os fatores subjetivos em que Trotsky se baseia.

Por fim quero citar ainda uma constatação de Stalin, não diretamente ligada, mas de referência próxima, numa manifestação frente ao camarada Wilhelm Hertzog que o interrogou a respeito. As palavras do Stalin de então elucidam (claramente) a maneira como a questão sobre o ano de 1923 tem de ser colocado acertadamente, as quais são as condições para a vitória da revolução proletária num país como a Alemanha em princípio.

Disse Stalin:

"Esta circunstância não é a única condição própria da revolução alemã. Para a vitória da revolução alem disso é absolutamente necessário que o Partido Comunista represente a maioria da classe operária, que o Partido Comunista se torne a força decisiva da classe operária".

*"É absolutamente necessário que a Social-democracia seja destruída e desmascarada, que seja diminuída a uma minoria insignificante da classe operária. Sem isso a ditadura do proletariado é impensável. Para que os operários possam vencer eles precisam ter uma **vontade** que os entusiasme, as massas dos operários têm que ser conduzidas por um partido que possua a confiança irrestrita da classe operária. Quando existem dois partidos em concorrência no seio da classe operária, e da mesma força, então uma vitória duradoura e firme, até em condições propícias, é impossível. Lênin, especialmente no período anterior à revolução de outubro, insistiu nesta prioridade, considerando-a a pré-condição essencial para a vitória do proletariado".*

O que diz Stalin aqui significa que uma vitória duradoura e firme do Partido Comunista e da revolução proletária somente é possível quando o Partido Social-democrata já esteja reduzido a uma minoria insignificante, quando a grande massa dos operários já seguirá unida a liderança comunista. Pondo esta questão em relação ao ano de 1923, indagando-se se em 1923 a influência do Partido Social-democrata já era reduzida a um fator insignificante, isto tem de ser negado absolutamente. Isto absolutamente não era o caso.

Com isso a revisão da lenda esquerdista de outubro era iniciada. Porém não foi levada até o fim e, por isso, temos que tratar da questão que foi colocada corretamente pela camarada Krupskaya: a questão das forças objetivas de classe, a questão das relações de forças diretas entre a KPD (PCA) e a SPD (PSA), a questão dos verdadeiros fatores de poder.

II. As forças das classes em 1917 na Rússia comparadas com as da Alemanha em 1923

Indiquemos primeiro em grandes linhas a questão: pode-se comparar a situação objetiva de 1923 na Alemanha com a situação objetiva de 1917, na Rússia, no sentido de que, objetivamente, a situação se configurava da mesma maneira, para a revolução? Confrontando os fatores principais, os fatores impulsionadores da revolução de outubro de 1917 na Rússia, com os fatos existentes em 1923 na Alemanha, encontraremos diferenças fundamentais.

Quais foram os fatores principais que favoreceram a revolução de outubro em 1917, na Rússia? Primeiro, **a questão da guerra**. A grande massa de trabalhadores e camponeses queriam a paz, o fim da guerra imperialista. Na Rússia não existia nenhum partido, além do Partido Bolchevique, que estava preparado para forçar a paz, a terminar a guerra imperialista, a romper o pacto com a Entente. Logo, era evidente que os bolcheviques eram os únicos a favor da paz. Isto era um enorme trunfo para eles. A massa de milhões de operários e camponeses logo se posicionou a favor da exigência da paz ao lado dos bolcheviques, quando se evidenciou que nenhuma outra força estava disposta a lutar por esta exigência.

Segundo, a questão da terra: Os camponeses queriam a terra dos fazendeiros. Havia os social-revolucionários que durante anos tinham prometido a terra aos camponeses. Mas quando os camponeses não esperaram pela Constituinte e começaram a expulsar os fazendeiros, a tomar posse de suas terras, a lavrar a terra, então todos se viraram contra os camponeses. Kerensky despachou expedições militares com o objetivo de recuperar as terras. Somente os bolcheviques adotaram o ponto de vista dos camponeses, defendendo que era correto ocupar imediatamente as terras e ajudaram os camponeses nisso. Os

camponeses, isto é, a imensa maioria do povo russo, viu seus interesses defendidos pelos bolcheviques.

Em seguida, **os operários**. Em 1917 a Rússia encontrava-se numa situação em que o abastecimento de viveres das cidades faliu. Fecharam-se as empresas para quebrar o poder dos Conselhos Operários. Dessa situação – não de considerações teóricas, mas dessa situação de indigência – cresceu no operariado russo a idéia de querer recolocar as fábricas em operação e, abastecê-las com matéria-prima. Desenvolveu-se o pensamento do *“controle dos operários sobre a produção”*. A luta a respeito disso transformou-se logicamente na exigência de tirar as empresas dos patrões. Mas também essa idéia, da desapropriação das empresas capitalistas, era só representada pelos bolcheviques.

Uma outra força motriz da revolução de outubro foi a **questão nacional**. Também aqui eram somente os bolcheviques os que representavam o pensamento da completa autonomia nacional, admitindo até a separação dos Grã-russos. Todos os outros partidos que anteriormente tinham representado o pensamento da libertação nacional, recuaram no momento da sua realização, por exemplo, quando os finlandeses quiseram se separar. Somente os bolcheviques mostraram-se conseqüentes nessa questão. Também não é sem importância o fato de que em 1917, na Rússia, havia um Exército, devido ao serviço militar obrigatório. Um Exército cuja maioria esmagadora era composta por camponeses e operários, um Exército que desejava terra, a terra dos latifundiários, que queria a paz, que em sua ala mais decisiva se colocou ao lado dos bolcheviques.

O problema de 1923, como se apresentou diante de nós naquele tempo e como se apresenta hoje novamente - o problema de armar os operários - absolutamente não existiu dessa maneira na Rússia de 1917. Os regimentos-chave que se encontravam em Petersburgo aderiram aos bolcheviques. A luta armada foi muito leve.. Em Moscou foi mais dura. Afinal, o fato de que as forças militares decisivas, a grande maioria da população armada, estavam ao lado dos bolcheviques, possibilitou uma vitória muito fácil da revolução de outubro. Lênin não se cansou de insistir no fato de como foi fácil a vitória de outubro na Rússia. Repetidamente ele pôs em relevo como a revolução conquistou triunfalmente o país, como varreu tudo em poucas semanas e meses, porque a grande maioria do povo os apoiou. Isso se evidenciou especialmente quando as potências estrangeiras apareceram apoiando e organizando as forças contra-revolucionárias na Rússia.

O quadro das forças motrizes da revolução na Alemanha de 1923, visto em detalhes, é muito diferente. A primeira questão, a questão da guerra: em 1917 na Rússia, os bolcheviques podiam se apresentar como partido da paz, como o partido que queria trazer a paz às massas. Porém como era na Alemanha em 1923? É verdade que não havia guerra verdadeira e sangrenta como em 1917. A guerra do Ruhr era uma guerra somente de palavras. A Inglaterra e a França eram armadas, mas a Alemanha se restringia à resistência passiva. Mas essa guerra pesava sobre a população, cansava-a e, no desenvolvimento das forças, era importante o fato de quem conseguisse a cessação dessa luta. Não fomos nós, mas a burguesia, quem a suspendeu, conseguindo um entendimento com os capitalistas franceses ao perceber o perigo da luta.

Alem disso, a questão da situação internacional. Em 1917, na Rússia, a situação era tal que as forças da revolução podiam se desenvolver sem serem impedidas por quaisquer forças externas. O imperialismo alemão via na revolução bolchevique uma ajuda para seus fins. A Entente não tinha possibilidade de intervir. Na Alemanha de 1923 a situação internacional era totalmente diferente. Nessa época, eram, sobretudo a Inglaterra e a América que tinham o interesse direto e indireto de ajudar a burguesia alemã contra uma revolução que se aproximava. A Inglaterra tinha o interesse de opor á França uma Alemanha forte e burguesa. A América tinha o interesse de manter e não deixar perder o capital que tinha aplicado na Alemanha. A América tinha que recear, sobretudo, o fato de que uma revolução proletária vitoriosa na Alemanha, no outono de 1923, significaria um sério perigo para toda a

sociedade burguesa da Europa. Assim, a Inglaterra e a América intervieram em favor da burguesia na Alemanha e contra a revolução proletária.

Por último, exporei com mais detalhes os fatos mais significativos.

A força motriz econômica mais importante da revolução, o fator principal da crise em 1923, era a inflação, a desvalorização do dinheiro. Isso causou situações que produziram uma irritação crescente da população. Tal fator econômico, porém, foi liquidado na Alemanha pela própria burguesia, o que resultou na estabilização da moeda. Nesse ponto, ela fez concessões tão grandes que debilitou as forças da revolução, produzindo dentro da classe operária uma cisão entre as forças que eram inclinadas a desistir da luta pelo poder, por causa de determinadas pequenas concessões, para obter alívio da situação momentânea. Por tais concessões, na questão da inflação e na questão da luta do Ruhr, a classe operária na Alemanha se dividiu e o Partido Comunista não conseguiu levar a maioria ao seu lado, como os bolcheviques tinham conseguido em 1917 na Rússia.

Alem disso, a questão das Forças Armadas. Também aqui era muito diferente a situação na Alemanha em 1923 em relação à situação na Rússia em 1917. Na Alemanha não tínhamos serviço militar obrigatório, mas a "*Reichswehr*", muito diferente não somente em tamanho, mas, sobretudo na sua composição de classe. Em 1917 na Rússia a massa principal do Exército era composta de filhos de camponeses. A "*Reichswehr*", porém, era formada por elementos socialmente atrasados quanto aos praças, e por reacionários e contra-revolucionários seguros na oficialidade. Não se pode dizer de longe que a composição da "*Reichswehr*" espelhava a verdadeira composição das classes no país inteiro. A "*Reichswehr*" era um exército de classe escolhido no sentido reacionário. Como se comportou a "*Reichswehr*" em 1923? Ela ficou firme nas mãos da sua direção. É verdade que tivemos algumas informações dizendo que havia numerosos sintomas de decomposição na "*Reichswehr*" e, por isso, ainda hoje certos camaradas esperam algo da "*Reichswehr*". Todavia, soubemos mais tarde que tais informações foram sistematicamente veiculadas pela direção da "*Reichswehr*" para nos iludir.

Naturalmente, em 1923, as massas camponesas não desempenharam, numericamente, o mesmo papel que tiveram na Rússia em 1917 e que, ainda hoje, tem. Isso teve estreita relação com a inflação e seus efeitos sobre grande parte do campesinato. A inflação possibilitou que, em sua maioria, os camponeses ficassem em situação melhor do que antes. Eles tinham aproveitado a situação para se livrar de suas dívidas hipotecárias que, pela inflação, diminuíram para níveis ridículos. Um segundo fator que favoreceu os camponeses durante a inflação foi a baixa dos preços industriais em proporção muito maior que o dos produtos agrários. Isso beneficiou os camponeses. Não se pode dizer, certamente, que a massa dos camponeses na Alemanha possuía disposição revolucionária, em consequência da inflação de 1923. Ela foi irritada em julho e agosto, quando a inflação adquiriu grandes proporções, quando o abastecimento de víveres para a cidade parou, mas ficou satisfeita outra vez, quando a estabilização foi conseguida.

Pondo, pois, em relevo os momentos decisivos, ponto por ponto, que conduziram à revolução de 1917 na Rússia em comparação com 1923 na Alemanha, pode-se observar que, em essência, a situação nos dois anos era completamente diferentes, que todos os fatores que conduziram à conquista do poder em 1917 na Rússia, não existiam na Alemanha.

III – A VERDADEIRA HISTÓRIA DE 1923

1. O efeito da ocupação do Ruhr

Depois desse panorama geral sobre as forças motrizes da revolução de 1917 na Rússia e em 1923 na Alemanha, passarei a uma descrição rápida dos acontecimentos principais do ano

de 1923. Isto se faz necessário porque no Partido, durante toda a discussão, ninguém fez o esforço de esclarecer a situação econômica em 1923 ou explicar a seqüência objetiva dos acontecimentos. E também porque, nos anos seguintes, ninguém se referiu a isso.

Primeiro a pergunta: quais foram os efeitos da ocupação do Ruhr e da inflação até agosto? É necessário se constatar antes de tudo, que ambos tiveram efeitos objetivos muito diferentes na área ocupada e na não ocupada. A Alemanha estava de fato dividida em duas partes com situações políticas e econômicas opostas.

Na parte ocupada: A indústria pesada estava totalmente parada em consequência da resistência passiva. Porém isso era uma situação totalmente excepcional. Os operários faziam greve, mas com o consentimento dos industriais alemães. Por causa das greves nas minas, fundições, etc, eles foram festejados como patriotas. Não só isso, eles eram pagos pelo período de greve. Esta não é, naturalmente, uma situação que gerasse qualquer força revolucionária: fazer greve, mas ao mesmo tempo ser pago pela greve por parte da burguesia e ainda passar por patriota!

A situação na outra Alemanha era que a inflação crescente continuava a fazer pressão crescente nos salários. O salário real caiu, mas, de outro lado, os dados daquela época mostram que, até agosto de 1923, o desemprego ficou abaixo da média dos anos normais antes da guerra. A Alemanha não ocupada estava empenhada numa produção muito ativa, estimulada pelos lucros de exportação tirados da inflação. Essa boa fase da produção era possibilitada, sobretudo, pela importação em massa para a Alemanha do carvão inglês, em substituição à produção do Ruhr. A Alemanha praticou preços de "dumping" nas exportações. Não quero entrar em detalhes, mas pode-se constatar que, para um grande número de mercadorias, a exportação em 1923 foi maior do que em 1922. Nesse período deu-se uma enorme acumulação de capital. Os salários foram reduzidos abaixo de seu valor. A redução dos salários reais até frações de salários "normais" aumentou diariamente a pauperização e os apuros da classe operária.

Quanto aos camponeses, eles fizeram no período até julho / agosto um excelente negócio. Através da inflação, liquidaram suas dívidas, adquiriram equipamentos, e bens duráveis. Os impostos desapareceram quase que completamente por intermédio da inflação. Além da classe operária, somente a pequena-burguesia estava sob forte pressão, pois sofreu perdas enormes pela inflação, naquela época. Esses são os mais importantes efeitos objetivos.

2. As ações do Partido até a greve de Cuno

O que fez o Partido? Nessa situação emitiu uma série de palavras de ordem parciais, de exigências parciais, entre as quais menciono a palavra de ordem de descarregar o peso da luta do Ruhr em cima da burguesia, o confisco de ativos tangíveis, o controle da produção, da formação de Conselhos de Controle para os preços das mercadorias, que realmente foram constituídos; a proposta das "Centúrias de operários" e, como proposta resumindo tudo, a do Governo dos Operários o qual, apoiado em seus órgãos próprios, deveria realizar as exigências dos operários.

Para a parte não ocupada o Partido emitiu uma plataforma de dez pontos incluindo a divisão do carvão do Ruhr, o turno de seis horas, o adicional da carestia, bem como um empréstimo forçado infligido à burguesia. De todas essas palavras de ordem, apenas a das *Centúrias de Defesa* pegou de verdade no Ruhr. Ela teve tanto sucesso que as Centúrias cresceram com grande velocidade. O Partido visava a luta pelo poder. E se preparava corretamente por intermédio de palavras de ordem parciais, palavras de ordem de transição e lutas parciais. É verdade que prescindiu de aventuras, como teria sido a ocupação das empresas do Ruhr em frente às baionetas francesas, ação sugerida pelos esquerdistas.

Assim as coisas se desenvolveram até a greve de Cuno. Esse era o ponto alto do movimento de massas em 1923. O Partido naquele tempo tinha a ilusão de que a greve de Cuno teria sido iniciada e conduzida por ele. Examinando os fatos, vê-se que a causa principal da greve foi a paralisação do abastecimento de víveres produzida pela crescente inflação.

Quão pouco o operariado estava disposto à luta imediata pelo poder na greve de Cuno, é demonstrado pela circunstância de que, algumas medidas relativamente insuficientes, foram suficientes para terminar a greve e parar o movimento. A consequência da greve de Cuno foi a formação da *Grande Coalizão*, a entrada do SPD (Partido Social-Democrata da Alemanha) no governo. E, como Remmele constatou acertadamente em janeiro de 1924, esta entrada do SPD no governo fez surgir novas ilusões no operariado. Essas ilusões foram alimentadas por uma série de medidas que serviram para remediar as dificuldades imediatas do operariado. Primeiro arranhou-se víveres, cuidou-se do abastecimento de gorduras. Uma medida principal foi a introdução do "salário-ouro".

3. O especulativo plano de ação do Comintern

Ocupar-me-ei agora do Comintern e da apreciação da sua intervenção.

Censurou-se a direção do partido alemão de então por não ter considerado, nem de longe, a possibilidade de que a ocupação do Ruhr poderia ter efeitos revolucionários. Ela não teria pensado de antemão na conquista do poder, não teria levantado a "questão do poder", como disse Ruth Fischer. Naturalmente enxergamos muito bem, já em janeiro, a possibilidade de um desenvolvimento revolucionário vindo da ocupação do Ruhr, mas também outra possibilidade, isto é, a de um compromisso entre capitalistas alemães e franceses, como se deu em seguida. Isso foi expresso, sobretudo por Radeck, no "*Rote Fahne*" ("Bandeira Vermelha").

Olhando para trás, é muito interessante constatar que a posição da Executiva absolutamente não corresponde àquilo que os seus representantes julgavam certo. A Executiva não visualizou a luta revolucionária pelo poder, nem em janeiro nem mesmo em junho. Em junho houve uma sessão plenária da Executiva. Nesta ocasião não se falou nenhuma palavra sobre uma iminente luta revolucionária na Alemanha. O centro dessa reunião foi a questão da tensão russo-inglesa, referida oficialmente por Radeck, a questão do crescente perigo de guerra entre a Rússia Soviética e a Inglaterra. O então presidente do Comintern, Smowjew, fez uma prelação sobre a questão da tática da frente única. Também ele não pensou sequer em considerar a questão da luta pelo poder como iminente. Foi assim que o Comintern avaliou a situação, ainda em junho de 1923.

A direção do partido russo e o Comintern foram despertados apenas pelo apelo da Central de 11 de julho para o "*Dia Antifascista*" e a campanha do KPD (Partido Comunista Alemão) para o Dia Antifascista do 29 de julho, pelo qual a imprensa burguesa na Alemanha trouxe ao debate a questão do armamento do proletariado. A questão da luta armada do Partido e, além disso, da classe operária, somente então se apresentou à Executiva. Somente isso a pôs em movimento. O que fez então? Convocou uma conferência da qual participaram os camaradas da direção daqui com a Executiva.

Quando a conferência foi convocada, a maioria dos camaradas russos estava ausentes. Brandler e outros tinham chegado em Moscou já no fim de agosto. Ninguém se apressou para iniciar e conduzir os debates. Eles passaram sete semanas em Moscou, para traçar um plano de ação para a revolução alemã, enquanto os acontecimentos na Alemanha evoluíam. Durante semanas de debates, esboçou-se um plano de ação para a revolução que se calculava de antemão. A característica desse plano é que ele não foi traçado baseado em fatos já existentes na Alemanha, mas sim que se traçou um plano para semanas e meses seguintes, baseado em uma especulação acerca de acontecimentos que iriam se concretizar ou deveriam acontecer na Alemanha no decorrer de quatro / oito semanas.

Na Rússia, em 1917, estabeleceu-se um plano para a sublevação depois da existência, em Lenigrado, de uma maioria e favor dos bolcheviques, depois de se ter assegurado do apoio das Forças Armadas, depois de Kerensky ter sido liquidado, quando a situação era madura. O plano de ação para 1923 não era fundado em tais fatos, mas na especulação de que os acontecimentos na Alemanha, de agosto em diante, iam tomar o mesmo rumo que de agosto até outubro na Rússia. Quer dizer: que nesse intervalo o Partido conseguiria atrair a maioria do povo, que nesse período eles poderiam armar suficientemente os operários e que o adversário se tornaria impotente e decomposto.

Na Rússia havia se estabelecido um plano baseado em premissas reais para a sublevação, não com semanas de antecedência, como dizia Trotsky, mas alguns dias antes. Para a Alemanha, porém, estabeleceu-se um plano com meses de antecedência. Esse é o fato decisivo. Transferiu-se o esquema do outubro de 1917 para a Alemanha, sem que os fatos correspondessem – simplesmente como especulação!

É necessário mencionar mais alguns fatos relacionados com isso. A questão da participação no governo saxônio não foi um erro de Brandler, mas se originou de uma resolução tomada contra a vontade de Brandler. Brandler opôs-se contra ela e declarou que o operariado ainda não tinha condições para isso. Era preciso criar primeiro as condições para uma participação no governo. Ele pediu um certo prazo para criar estas condições nas fabricas. Então lhe declararam: se você acredita na revolução, você tem que realizar isso. Apelaram para a sua disciplina. Tratava-se, aliás, da questão se os Conselhos de Empresas podiam representar uma base para os órgãos de poder da revolução proletária. Declarou-se em Moscou que podiam; que podiam tomar o lugar dos Conselhos Políticos dos operários. Esta decisão também foi errada. Esse foi o plano de ação forjado em deliberações de muitas semanas.

4. A reviravolta causada pela intervenção da burguesia

Na ocasião deste plano ficou demonstrado que, infelizmente, não fomos só nós, o partido revolucionário, que fez planos de ação, mas também os adversários; e não somente fez planos, mas também agiram... Além disso, quando o nosso plano de ação ficou pronto e os camaradas chegaram para realizá-lo, a situação em que o mesmo estava baseado, tinha mudado completamente, convertendo-se em seu contrário.

A burguesia tinha tomado a iniciativa. A base na qual estava erigido o plano de ação provou ser uma especulação, um castelo no ar. A burguesia se deu conta de que um verdadeiro perigo de revolução se aproximava, se ela não intervisse ativamente, fazendo concessões ao proletariado e entrando em compromisso com o capitalismo francês. Ela, porém, não esperou passivamente esta aproximação, mas, no prazo mais curto possível, fez as concessões necessárias. Apressou-se em interromper a resistência passiva, em fazer parar a luta do Ruhr. Stresemann entrou em ação recomendando que era preciso tomar o caminho das negociações diplomáticas. A Social-democracia, especialmente a ala esquerda, apressou a interrupção da resistência passiva. A burguesia, dirigida por Stresemann, logo deu fim à greve de Cuno.

Seguem as datas mais importantes:

23/8 – Stresemann faz um discurso oferecendo um compromisso à França.

02/9 – Discurso em Stuttgart

06/9 – Discurso para os representantes da imprensa estrangeira

11/9 – Começaram as negociações com a França

24/9 – O governo alemão deu ordem oficial de parar a resistência passiva

25/9 – Esta ordem era divulgada

26/9 – Apareceu uma proclamação do presidente e do governo, exortando a parar a resistência passiva.

Em poucas semanas a burguesia conseguiu a parte dela, de parar a luta do Ruhr, de conduzir à paz, de iniciar o compromisso com os capitalistas franceses. Foi relacionado com isso que ela chamou de volta os fascistas daquele tempo. Usou-os para atos de sabotagem na Renânia, para o "*Reichswehr preto*", como se chamou então, e em seguida os deu o fora.

A interrupção da luta do Ruhr era a primeira virada. A segunda, realizada pela burguesia depois da greve do Cuno era: acabar com a inflação e começar a estabilização. Isso foi iniciado pela introdução da moeda ouro, pela primeira vez no comércio por atacado; isto já vinha sendo aplicado em grande escala na indústria.

No começo de setembro, o padrão ouro já era comum na indústria e no comércio, mesmo no varejo. Se a burguesia acabou com a inflação depois de agosto, isto se deu não só devido ao perigo da revolução, mas também porque os efeitos da inflação se inverteram de certo ponto em diante, quando a inflação não mais agiu como prêmio para a exportação, mas pelo contrário. A burguesia aproveitou a conjuntura da inflação com bastante frieza até o fim. Ela foi até o ponto mais longe possível e parou definitivamente somente no momento em que a conjuntura da inflação começou a se transformar na crise da inflação.

O segundo ato depois da introdução do moeda-ouro foi a introdução dos chamados salários (de) ouro, dos salários de "valor constante". Já a partir de junho conseguiram-se entendimentos sobre salários de valor fixo, sobre pagamentos de salários feitos duas e até três vezes por semana. Isso naturalmente não representou salário realmente "de valor constante", mas significava um abrandamento da desvalorização dos salários.

Em 14 de agosto Stresemann surgiu na Câmara de Deputados e se comprometeu oficialmente em introduzir "salários de valor constante". Em seguida iniciou-se a estabilização.

Segundo estatísticas do *Reichsbank*, entre agosto e a emissão do marco (*Rentenmark*), a 15 de novembro, emitiram-se não menos do que 989 milhões de marcos-ouro como dinheiro de emergência de valor constante. Portanto, não foi somente a introdução do "*Rentenmark*" que produziu uma mudança, mas antes disso houve um grande número de medidas de emergência.

A mudança decisiva que se realizou em meados de agosto, depois da greve de Cuno, é testemunhada convincentemente pela brochura de E. Pwowski (Varga) "*Antes da Luta Final na Alemanha*", cujo prefácio é datado de 10 de outubro de 1923. Varga naquela época já era a autoridade oficial que é hoje.

Lê-se na pág. 42:

"A quarta etapa é aquela depois de 15 de agosto. O operariado tinha garantido pelo movimento de massas um grande aumento de salário e o reajuste à alta dos preços. A entrada da Social-democracia no governo, a intervenção das organizações centrais dos sindicatos, baixara a vontade de lutar das grandes massas dos operários. Ainda tinham a ilusão que a Social-democracia podia trazer a ajuda".

E na pág. 47:

"As classes dominantes alemãs, depois da greve geral em meados de agosto, de repente mudaram a tática: eles mesmos agora pediram a reforma monetária... como ao mesmo tempo, influenciado pela greve geral, salários de valor constante foram introduzidos, a manutenção do "mark papel" se tornou desnecessária para os interesses da grande indústria e dos grandes fazendeiros alemães... Portanto, vimos aparecer em fins de agosto uma série de planos para a criação duma moeda nova e estável. Esses planos foram apoiados com toda a energia pelos círculos do grande

capital. A tarefa foi apresentada como tão urgente que nem teriam sido concedido ao governo algumas semanas para reflexão”.

Pág 64:

"Apesar dos operários alemães já terem se iludido inúmeras vezes com a Social-democracia, grandes camadas do operariado se enganavam outra vez. Deixaram-se enganar pelas frases de Hilferding! O cretinismo parlamentar-democrático, a ilusão de que negociações parlamentares pudessem decidir a sorte do proletariado, determinou que muitos operários assumissem uma posição de espera, influenciados também pelo aumento dos salários alcançados pelo gigantesco movimento de greve”.

5. O erro decisivo do Partido depois da greve de Cuno

Estas duas séries de acontecimentos mostram que as premissas em que se baseou o plano de ação foram totalmente mudadas pela intervenção da burguesia. Mas o que fez o Partido em seguida? O erro decisivo na ação do Partido consistiu no fato de que ele encarou com confiança o plano de ação elaborado; que deixou de preparar politicamente a luta pelo poder; que se restringiu a preparativos técnico-organizatórios. Trotsky tinha declarado: *"A política é feita pelo adversário"*. Ele tinha a opinião de que a falha principal dos revolucionários do Oeste até agora tinha sido a pouca valorização dos preparativos técnicos-organizatórios do levante.

A política, é verdade, foi determinada pelo adversário e muito em função dele, enquanto que o erro básico do Partido depois da greve de Cuno foi de não fazer política, de deixar de fazer a preparação política por lutas parciais e ações parciais e se limitou à preparação técnico-organizatória. De que espécie é este erro? Trata-se de um erro *"de direita"* ou um erro *"de esquerda?"* Acredito que se trata de um erro "de esquerda", de querer iniciar um levante sem preparo político suficiente, baseado em preparativos meramente técnico-organizatórios.

É preciso ter presente: o adversário, depois da greve de Cuno, golpeou o movimento operário repetidas vezes, sem que o Partido reagisse, porque não queria desgastar suas forças em lutas parciais. Mas, com isso, o Partido deixou de se ligar às forças restantes do proletariado, e não chegou a verificar de que poder ele dispunha nas massas.

Entre as ações do governo em seguida à greve de Cuno quero enumerar:

- 17 de agosto: Severino dissolve o Comitê Nacional dos Conselhos de Empresas, sem que o Partido inicie qualquer ação de protesto.

- 13 de outubro: Lei de emergência do governo - também aqui não há reação do Partido.

O Partido se limitou a continuar seus preparativos técnico-organizatórios. Em seguida, aconteceu a entrada no governo da Saxônia, em 12 de outubro, e logo depois no da Turingia. A entrada no governo saxônio, como já mencionado, não se deu de livre vontade, mas seguindo uma resolução da Executiva aprovada unanimemente pela central inteira do partido alemão, inclusive a esquerda de então: Ruth Fischer etc.

Será que qualquer um de nós teria imaginado que nós, juntos com a Social-democracia, poderíamos conquistar e exercer o poder? Nenhum de nós teria pensado nisso. Mas a idéia na qual a Executiva se baseou para a entrada no governo saxônio e turingio era a de que o Partido poderia se aproveitar do aparelho do governo para armar os operários. A Executiva imaginava: nós participamos do governo, armamos os operários, não nos manifestamos por enquanto e ignoramos o general Muller, que era então o cabeça do Reichswehr. Mas o general Muller absolutamente não nos ignorou e sim interveio imediatamente. Ele imediatamente subordinou a polícia estadual a seu comando. Quando Bottcher fez um

discurso pedindo o armamento das Centúrias, Muller apresentou um ultimato e, com o consentimento de Ebert, o Reichswehr imediatamente interviu.

Desses fatos segue-se que a situação na qual deu-se a entrada nos governos da Saxônia e Turíngia não corresponde nem um pouco às premissas exigidas, segundo nosso pensamento, para a formação de um governo por comunistas. O protesto que Brandler tinha feito em Moscou era plenamente justificado. Dever-se-ia ter formado um governo somente na condição de que tivéssemos a possibilidade de agir como se deve agir sendo comunista e revolucionário, e repelindo a resistência burguesa. Isto, porém, só se pode fazer apoiado no consentimento da maioria dos operários, pela ditadura dos operários armados, apoiados numa revolta já vitoriosa.

Assim, a entrada no governo saxônio se deu em condições erradas. Mas como sair de lá? Para isso tinha só dois caminhos. O primeiro: exigir imediatamente medidas revolucionárias ditatoriais; exigir medidas que naturalmente provocariam a resistência imediata da burguesia e o rompimento da coalizão. O segundo caminho, que foi seguido, era o de armar os operários com recursos do Estado e, além disso, ficar no quadro institucional supondo que o adversário não se manifestaria. Nas duas hipóteses o resultado seria o de contrariar o próprio plano de ação. Mas no primeiro caso esse plano seria cruzado por uma série de medidas de efeito propagandístico e revolucionário.

Um governo incluindo comunistas deveria, naquela época, surgir imediatamente com medidas ditatoriais. Existia um desemprego enorme no país. A condição de se poder cuidar dos sem-empregos era a de confiscar imediatamente dinheiro dos empresários. Arranjar trabalho, exigir a reativação imediata das empresas paradas pelos empresários. Também o fornecimento de víveres exigia medidas ditatoriais imediatas. Nenhuma verdadeira ação do governo poderia ser posta em prática sem essas medidas ditatoriais. Um programa completo de tais intervenções tinha sido elaborado por nós para ser iniciado imediatamente. Porém, com a Social-democracia aliada ao governo, foi impossível realizar estas ações usando a máquina estatal burguesa existente, como também não sobrou tempo para isso. A entrada no Reichswehr deu-se de repente, precipitadamente.

6. A questão do recuo e a Conferência de "Chemnitz"

A seguir, a questão da retirada, ligada estreitamente a questão da Conferência de Chemnitz, em 21 de outubro, onde a retirada foi decidida. Seguem-se alguns dados. Muitas vezes se falou que a Conferência de 21 de outubro não tenha fornecido um retrato fiel do operariado saxônico, não teria sido uma conferência de representantes de operários, mas somente de burocratas. Isto não é verdade. A composição da conferência era:

140 operários de fábrica

15 representantes de juntas de ação

26 delegados de cooperativas

102 representantes de sindicatos

16 desempregados

7 delegados oficiais do SPD (Partido Social-democrata)

60 delegados oficiais do KPD (Partido Comunista)

1 delegado oficial do USPD

102 delegados dos sindicatos representando conselhos de Empresas.

A maioria dos presentes era de delegados de empresas. Não se pode negar vendo essa composição, que a Conferência essencialmente representava uma amostragem correta das tendências do operariado saxônico-turíngio.

O que aconteceu nessa conferência? Na véspera a Central tinha unicamente tomado a decisão de que a palavra de ordem da greve geral, incluindo a luta armada, deveria ser omitida, baseado nas notícias sobre a entrada do *Reichswehr*. Decidiram, porém, que deveria se esperar o rumo que a Conferência iria tomar, para conhecer realmente as tendências.

Na Conferência o camarada Brandler, com o consentimento da Central, exigiu que a Conferência lançasse a palavra de ordem de greve geral como senha de combate contra a entrada no *Reichswehr*. Fosse ali um ambiente verdadeiramente revolucionário, pronto para a luta pelo poder, então certamente a reunião deveria ter aceito esta senha com entusiasmo e, necessariamente, da greve geral teria se evoluído para a luta armada pelo poder. O fato, porém, era muito diferente. A proposta de Brandler simplesmente caiu por terra na reunião. Os presentes reagiram à proposta de maneira glacial. Depois aconteceu o seguinte: o ministro Graupe da SPD esquerda usou da palavra dizendo que ele e seu grupo de sete pessoas deixariam a Conferência caso os comunistas não desistissem de por a questão da greve geral (na Conferência). Numa assembléia realmente revolucionária e decidida para a luta, uma tempestade de indignação teria varrido os derrotistas. Mas aconteceu o contrário. A Conferência decidiu desistir da declaração imediata da greve geral e, em lugar disso, deliberou nomear uma pequena comissão para decidir a respeito. Era isso um enterro de terceira classe.

O que significava isso? Significava que, entre os operários saxônicos, as medidas realizadas pela burguesia fizeram seu efeito, que o operariado saxônico era dividido, que era impensável supor que a maioria do operariado saxônico era preparada, nesse momento, para a luta pelo poder. Existiam alguns lugares onde isso era o caso, mas na Saxônia e na Alemanha como um todo isto não acontecia de nenhuma maneira.

A situação se revelou totalmente diferente daquela prevista no plano de ação. Baseado no conhecimento da verdadeira situação, resultou a resolução unânime da Central partidária no sentido de que seria preciso iniciar a retirada. Não somente Brandler mas também todos os camaradas "esquerdistas" da direção e todos os camaradas de fora presentes no momento, na Alemanha, concordaram sem exceção com essa resolução. Alguns desses últimos compareceram especialmente a essa reunião para impedir que fosse resolvido o levante.

Se não tivesse sido tomada essa resolução, se o partido tivesse arriscado um choque com o adversário superior, dele só teria sobrado uma mancha molhada. Outros, num caso desses, agiram diferentemente. Por exemplo, na Bulgária e outros exemplos semelhantes. Mas não convidam à imitação. Nenhuma direção partidária pode justificar a entrada numa luta decisiva, quando prevê a derrota certa. Pode-se objetar que já houve algumas situações onde o Partido e o operariado lutaram com a perspectiva da derrota. Está certo que lutamos em janeiro de 1919 quando ninguém tinha a esperança de conquistar o poder. Lutamos também em Munique quando cada um sabia que não se tratava de conquistar a vitória. A diferença é: nesses casos era a luta da grande maioria do operariado e, em tal situação, o Partido não podia trair o operariado. É diferente quando a luta é desencadeada pelo Partido e as massas não aderem, quando a derrota é causada pelo Partido, por sua tática errada, por sua avaliação errada da situação. Isso não elevaria o Partido os olhos das massas, mas o desacreditaria. Exige mais coragem, em tal situação, o bater em retirada do que arriscar o passo de levar o Partido a uma luta isolada e o destruir por anos.

A avaliação da situação como se deu em seguida à Conferência de Chemnitz, foi ainda confirmada por uma série de acontecimentos ulteriores. Quero mencionar somente dois deles.

Primeiro: A revolta de Hamburgo. Foi desencadeada pela circunstância de que Remmele, sendo um dos mensageiros da Central partidária do Chemnitz, tinha partido tão cedo que não podia mais ser chamado de volta. Remmele tinha ordens para Viel, mas não para Hamburgo. Em Hamburgo lançou-se a palavra de ordem de greve geral e 200 comunistas corajosos lutaram. A grande maioria do operariado de Hamburgo comportou-se da maneira que prevíamos: os comunistas são rapazes corajosos, moços violentos - e com isso puseram as mãos nos bolsos. Entende-se isso muito bem considerando que o trabalho em Hamburgo, naquela época, era do maior impulso. Alguns dados econômicos explicam isso suficientemente:

	Em 1922	Em 1923
Navios ancorados	9.617	12.041
Navios saindo	10.631	12.919

Hamburgo em 1923 era o porto principal para a importação de matérias primas e carvão da Inglaterra e da América. Por consequência, a massa do operariado não tinha inclinação para a greve geral e muito menos para a luta armada. Aliás, lutaram 600 operários na milícia republicana. Quando se tratava de criar uma nova lenda dos acontecimentos de maio de 1929, em Berlim, de repente a história sobre o levante de Hamburgo desapareceu e pode-se ler nas "Teses para Agitadores e Propagandistas" sobre a *"Importância e ensinamentos das lutas de maio em Berlim"*:

"O levante da Hamburgo era um combate de retaguarda, uma luta de retirada num momento de recuo da revolução, quando o movimento de massa no país tinha ultrapassado seu máximo".

Segundo: Berlin. A direção de Berlin naquele tempo era "esquerdista". De parte da Central partidária a direção foi convidada repetidas vezes para organizar demonstrações de massa e de protegê-las com a armas. Mas quando foram tentadas tais demonstrações, apareceram só algumas dúzias de pessoas que logo se dispersaram.

Também essas provas mostraram depois de Chemnitz a verdadeira situação, isto é, que a grande massa dos operários estava disposta a lutar pelo poder.

O Partido - apesar de todas as tentativas de Ruth Fischer e Maslow de incitar a luta de frações - estava disposto a iniciar uma retirada organizada e a mobilizar suas forças para lutar unidas contra a SPD, mas, em dezembro, com o apoio aberto da Executiva os "esquerdistas" de então desfecham um ataque faccionista furioso, tirando assim todas as possibilidades de alguma ruptura dentro do SPD, apesar das melhores condições estarem dadas. O Partido estava apodrecido pela sistemática produção de pânico. Quando Maslow e Ruth Fischer se gabam de ter "salvo" o Partido depois da retirada de outubro, a verdade é que eles primeiro geraram o pânico, que lhes permitiu bancar os salvadores do Partido. Esse papel lhes foi facilitado pelo fato de que o Partido, ainda semanas depois da retirada de outubro, era muito tenso. Provocar o pânico num exercito que é forçado a se retirar debaixo das perseguições mais pesadas do inimigo, depois de presumido que a vitória já estava assegurada em suas mãos - isto não é difícil. É a coisa mais fácil do mundo, quando os disseminadores do pânico, em lugar de serem chamados severamente à ordem pela mais alta direção do exercito, ainda são estimados.

Mas para o Partido alemão e o Comintern era o menor dano possível, não no instante de então, mas para anos vindouros. Mas, até o dia de hoje, o Partido não se recuperou desse dano.

7. Alguns dos ensinamentos mais importantes

Com isso estou no fim da exposição dos pontos cardeais dos acontecimentos do ano de 1923. Quero somente resumir quais foram, segundo minha opinião, os ensinamentos mais importantes desses acontecimentos.

Acredito que a lição primeira e mais importante deve ser a de que não se pode elaborar planos de ação revolucionários para um prazo de 8 / 10 semanas, há 2.000 km de distância. Isso só pode ser feito estando diretamente ligado ao plano de ação e seguindo os acontecimentos com os próprios olhos.

Outro ensinamento para os partidos comunistas fora da Rússia é o de que, só podem esperar de realmente serem capazes de levar ao fim uma revolução no seu próprio país, depois de terem aprendido a avaliar por si mesmo as relações de classes, de desenvolver a tática e a estratégia da luta revolucionária segundo sua própria opinião, quando estiverem acostumados a pensar por si mesmos, de um modo crítico e independente. Também face à direção Internacional. Foi o erro mais grave e fatal em 1923, em que o Partido e seus líderes renunciaram a insistir no seu julgamento crítico e independente. Quais foram as causas disso? Certamente não foi uma atitude burocrática face aos camaradas russos, mas um pensamento bastante plausível em si. Brandler contou diversas vezes o que o induziu muitas vezes a seguir, contra sua convicção, os conselhos dos camaradas russos, nesse ano de 1923. Ele argumentou:

"Nossos camaradas russos até agora são os únicos que realizaram uma revolução vitoriosa. Eu creio entender das coisas alemães, conhecer o operariado alemão, mas ainda não realizamos nenhuma revolução vitoriosa. Por isso cedemos em caso de dúvida a quem já conseguiu isso".

Hoje devemos dizer que isso é errado, e que representa um dos maiores perigos, sendo a causa de crise na Internacional Comunista.

Antes de ter resolvido esse problema, no sentido de que também os partidos em outros países aprendam a conduzir a luta de classe em seus países segundo sua própria opinião, sem isso a revolução não será conduzida à vitória em nenhum país. Para vencer a burguesia, na realidade, é preciso vencê-la primeiro na cabeça. As batalhas revolucionárias foram todas vencidas primeiro na cabeça antes de terem vencido na realidade. Também na revolução russa não se pode considerar somente o outubro. Fazem parte dele 30 anos de preparo político a fundo do raciocínio, sobre todos os meios e caminhos da revolução russa. Isso foi decisivo. E será o mesmo caso nos outros países.

O Comintern, como verdadeiro chefe da revolução proletária, precisa de uma direção coletiva, precisa de partidos comunistas maduros. O próximo ensinamento a tirar é que não se pode preparar a revolução somente pelo lado técnico e organizatório, mas que é preciso prepará-la politicamente, que a maioria dos operários, a maioria da população que trabalha, tem que ser conquistada por ações políticas parciais e senhas de lutas parciais, antes de conseguir as condições para conduzir uma luta para o poder.

Por isso acredito que também deveríamos tirar alguns ensinamentos dos acontecimentos na Saxônia, sobre a questão do armamento do operariado. É uma ilusão acreditar que se pode armar o operariado, por assim dizer à revelia da classe dominante, somente pela distribuição de armas. O armamento do operariado somente pode ser efetuado junto com a luta política e seu desenvolvimento. Não é uma tarefa puramente técnica e organizatória.

Além disso, devíamos ter aprendido que mesmo com um governo de coalizão proletário-comunista-social-democrático a luta pelo poder não pode ser conduzida. Para vencer, o Partido precisa ter atrás de si uma firme maioria do operariado, disposta a ariscar a vida pelo crescimento dos soviets.

Outra lição é a de que os Conselhos das Empresas não podem substituir os conselhos políticos dos operários.

Isto naturalmente não é exaustivo. Citei aqui somente as lições mais importantes. Também mostrei somente uma pequena amostra dos fatos do desenvolvimento econômico e político de 1923. Mas creio que é suficiente para destruir definitivamente a lenda de outubro. Creio, além disso, que os ensinamentos a tirar ainda hoje do ano de 1923 não são somente ensinamentos históricos, que se relacionam somente "ao passado", mas que ainda são da máxima atualidade, numa situação em que o Comintern ainda padece dos erros mencionados, que naquela época foram tão desastrosos. A linha ultra-esquerdista ainda é dominante no Comintern e no Partido Comunista Alemão. Os ensinamentos sobre os erros dessa linha ainda são impedidos, pelo fato de se lançar mão outra vez do espantinho do outubro de 1923.

A vitória da revolução proletária na Alemanha pressupõe a solução das questões táticas e estratégicas envolvidas. Estas questões não podem se resolver baseadas numa lenda. Somente podem se resolver com base em fatos reais.

A lenda do outubro esquerdista sobre 1923 já alcançou uma idade apreciável. Quase se tornou crônica. Porém isso não adianta. Ela tem que ser liquidada por um partido comunista o qual seja antes capaz de dominar sua tarefa espiritualmente.

Uma parte essencial disso é a dominação das questões de 1923.

ANEXO

Stalin sobre 1923

A maneira como Stalin julgava a situação a respeito dos acontecimentos de 1923, é revelada por uma carta que ele escreveu a Zimoviev e a Bucharin no começo de agosto de 1923. Essa carta foi citada por Zimoviev no Plenário do Comitê Central do partido russo no fim de 1927 e rezava o seguinte:

"Será que os comunistas, na situação de hoje, deviam aspirar à conquista do poder sem os Social-democratas? Será que já estão maduros para isso? Essa é a questão. Penso em quando nós conquistamos o poder, na Rússia, tínhamos recursos como: a) a paz; b) a terra para os camponeses; c) o apoio da enorme maioria do operariado; d) a simpatia dos camponeses".

"Os comunistas alemães agora não têm nada disso. Certo que tem a União Soviética na vizinhança, o que não tivemos; mas o que podemos dar-lhes, no momento? Se na Alemanha, no momento, o poder por assim dizer entrasse em colapso e os comunistas pudessem assumi-lo, eles malograriam estrondosamente. Isso no "melhor caso"; e no pior eles apanhariam de todos os lados e seriam rechaçados".

"Não se trata tanto do fato de Brandler querer "treinar as massas", mas sim de que a burguesia e a social-democracia da direita, com certeza, transformariam esta demonstração "para fins de treinamento", numa batalha geral (por enquanto tem todos as chances para isso) e irão destruir os comunistas. É verdade, os fascistas não dormem. Mas para nós é mais vantajoso que os fascistas ataquem primeiro, para que possamos unir todo o operariado em redor dos comunistas (a Alemanha não é a Bulgária). Segundo todos os relatos, os fascistas são fracos em toda parte, na Alemanha segundo minha opinião é preciso reter os alemães e não estimulá-los".

Zimoviev sobre outubro de 1923:

Segundo um discurso de Zimoviev contra Trotsky em Lenigrado, reproduzido no *Pravda*, no domingo, 11 de maio de 1924, nº 106:

"Não é segredo que a Oposição julgava também a direção do Comintern como errada. Na Alemanha, foi mal em outubro: Agora está sendo constituída uma nova teoria dizendo que na Itália mandamos sabotar a revolução e na Alemanha perdíamos a revolução dormindo. Assim eles falam. Claro, a revolução teria malogrado porque alguém bocejava. Uma concepção marxista bem profunda da revolução. E nós coitados que aprendemos com Marx e Lênin, nós pensamos sempre que para surgir uma revolução fatores mais importantes estão em jogo do que o bocejar de um ou outro".

"Quanto à Alemanha, foi completamente esclarecido agora, que não se trata de ter dormido durante a revolução, mas pelo contrário, de termos julgado maduras as condições que ainda não eram maduras. Como falou Plekanov – confundimos a gravidez do segundo mês com a gravidez do nono mês. Este erro é bastante compreensível, pois revolucionários desejam mostrar logo sua disposição revolucionaria. Avaliando tudo que aconteceu na Alemanha, merecemos a censura de que superestimamos os acontecimentos, que tínhamos vontade demais de precipitarmos na luta, que superestimamos demais a mudança da situação, mas de maneira nenhuma merecemos a censura de que perdemos a revolução dormindo, como dizem alguns estrategistas profundos, contando um conto de uma crise no Comintern e na KPD (PCA)".

Avaliando os social-democratas

É uma falsificação grosseira da verdadeira política da "Direção Brandler" de 1923 se afirmar que a "Direção Brandler" desconheceu o papel do Partido Social-democrata alemão de maneira oportunista e que abandonou a "teoria do estado leninista".

A respeito da posição de Brandler face à social-democracia apresentamos um resumo da proclamação para o "Dia Antifascista" redigida por ele, contendo sem correções a linha política, do Comitê Central alemão.

Excreto do Manifesto de 11 de julho de 1923

Camaradas do partido!

Caminhamos ao encontro de pesadas lutas. Teremos de nos preparar ao máximo para a ação.

Não se pode confiar na Social democracia e na burocracia dos sindicatos. Como em todas as lutas de defesa do proletariado revolucionário contra a contra-revolução, até o presente momento, a Social democracia e a burocracia dos sindicatos, também agora, abandonarão e traiçoarão os operários...

Nós, comunistas, só podemos vencer a luta contra a contra-revolução, se conseguirmos levar à luta as massas dos operários social-democratas e dos sindicatos.

Para essa finalidade temos que tomar imediatamente todas as providências para uma ação de defesa combativa...

As organizações proletárias de defesa conjuntas têm que ser formadas imediatamente apesar de todas as resistências, dentro das empresas.

A ligação entre as direções de bairro, os grupos locais e a central nacional, assim como os serviços de correio precisam ser organizados imediatamente com o máximo cuidado.

O Partido deve tornar tão efetiva a sua organização que, mesmo em caso de guerra civil aberta, ela não falhe em bairro algum.

Em caso de paralisação dos meios legais de comunicação, da ferrovia e dos correios, por força de greve geral ou lutas militares, é preciso que estejam incondicionalmente asseguradas as ligações entre as organizações, a imprensa, distribuição de material de propaganda, etc.

O levante fascista só pode ser esmagado se ao furor branco se opuser o furor vermelho. Se os fascistas, armados até os dentes, assassinam os militantes proletários, é preciso aniquilá-los, a todos os fascistas sem mercê. Se os fascistas mandam ao paredão um em cada dez grevistas, os trabalhadores revolucionários deverão mandar ao paredão um em cada cinco membros de organização fascistas.
